

William Blake e sua poética interartes

*Livros iluminados digitais: autógrafo e reprodução em *The William Blake Archive**

Digital illuminated books:
autograph and reproduction in *The William Blake Archive*

Manuel Portela

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Resumo: Ao longo dos últimos 20 anos, *The William Blake Archive* desenvolveu uma complexa representação da produção autógrafa de William Blake. Esta simulação digital do arquivo autoral alterou significativamente a experiência de leitura da impressão iluminada, designadamente através da restituição fac-similada da textualidade visual do original, e da recriação da singularidade autográfica das variações de cada cópia. A análise da remediação de formas e processos tipográficos e manuais, *The William Blake Archive* permite identificar um conjunto de estratégias, de modelações e modularizações da obra necessárias ao seu processamento digital. Através da análise da codificação de texto e imagem, por um lado, e da interface do arquivo, por outro, mostrarei as implicações materiais e críticas desta reconstrução digital dos livros iluminados.

Palavras-chave: Arquivo digital. Impressão iluminada. Remediação. Codificação digital. Interface gráfica. Texto e imagem.

Abstract: Over the past 20 years, *The William Blake Archive* (<http://www.blakearchive.org/>) has developed a complex representation of Blake's autograph production. This digital simulation of the authorial archive has significantly changed the reading experience of the illuminated printing, by means of a facsimile restitution of the visual textuality of the original that recreates the autographic uniqueness of variations in each copy. Analyzed as a remediation of both typographic and manual forms and processes, *The William Blake Archive* allows us to identify a set of modeling and modularization strategies required for the digital processing of the works. Through the analysis of text and image encoding, on the one hand, and of the archive's interface, on the other, this article shows the material and critical implications of this digital reconstruction of Blake's illuminated books.

Keywords: Digital Archive. Illuminated printing. Remediation. Digital encoding. Graphical interface. Text and image.

1. A edição eletrônica como meta-edição

As práticas de edição crítica, e de edição genética, sofreram nas últimas três décadas o impacto crescente da tecnologia digital, interiorizando progressivamente o novo sistema tecno-social, caracterizado pela universalização das redes de telecomunicação assistidas por computadores, que determinam hoje uma parte significativa das nossas práticas culturais. O processo de remediação do arquivo literário e artístico implicou, por um lado, a reconstituição das práticas da crítica textual e da crítica genética no espaço digital, e, por outro, a reforma dessas práticas de acordo com as novas possibilidades mediais (SHILLINGSBURG, 2006; 2009; KIRSCHENBAUM, 2013; ROBINSON, 2013; APOLLON, *et al.* 2014; PIERAZZO, 2015). Este processo de migração e reforma do arquivo documental do passado favoreceu a emergência de novas teorias e práticas editoriais ou, como aconteceu com a teoria da edição social, proporcionou condições tecnológicas e materiais para que as teorias desenvolvidas alguns anos antes pudessem ser testadas.¹

Um dos momentos cruciais desta convergência entre teoria e tecnologia ocorre no ensaio seminal de Jerome McGann, “The Rationale of HyperText”², publicado em 1996. McGann argumenta que o potencial analítico e meta-representacional da forma eletrônica liberta as estruturas textuais das limitações informacionais do códice quando se trata de usar um livro para representar outro livro, ou outros livros (como acontece nas edições críticas):

When a book is translated into electronic form, the book’s (heretofore distributed) semantic and visual features can be made simultaneously present to each other. A book thus translated need not be read within the time-and-space frames established by the material characteristics of the book. If the hard copy to

1 A teoria crítica textual associada a D.F. McKenzie (1931-1999) e Jerome McGann. D. F. McKenzie contribuiu decisivamente para pôr em evidência os processos de significação bibliográfica como parte das redes de sentido que estruturam as formas textuais. Alguns dos seus ensaios seminais foram coligidos em *Bibliography and the Sociology of Texts*.

2 Este artigo foi publicado pela primeira vez em linha, em 1995, e depois na revista *Text*, tendo sido republicado em *Electronic Text: Investigations in the Method and Theory of Computerized Textuality* (1997, organizado por Kathryn Sutherland), e também na obra de Jerome McGann, *Radiant Textuality: Literature after the World Wide Web*, tornando-se, no ensaio, mais influente na reconcetualização da edição crítica para o espaço eletrônico. A articulação entre o conceito de textualidade radial e a teoria da edição social foi reiterada e desenvolvida por McGann dez anos depois em “From Text to Work: Digital Tools and the Emergence of the Social Text”.

be translated comprises a large set of books and documents, the power of the translational work appears even more dramatically, since all those separate books and documents can also be made simultaneously present to each other, as well as all the parts of the documents (McGann, 1996, p. 14).

Esta reconcetualização da edição sugere que a tradução digital de um livro altera não só a distribuição interna das suas características, mas também a sua inscrição temporal e espacial, na medida em que esta já não depende das características físicas do livro analógico. Além disso, se falamos de um conjunto de obras ou documentos, também eles podem relacionar-se entre si de um modo que é independente da fisicalidade do impresso. Em outras palavras, cada parte de uma obra pode presentificar-se e contrapor-se a outras partes de si própria, ou de outras obras, segundo configurações múltiplas e variáveis.

Nas obras *Critique of Modern Textual Criticism* (1983) e *The Textual Condition* (1991), Jerome McGann argumentou que as obras literárias não são apenas codificações linguísticas, mas estão codificadas bibliograficamente, isto é, na forma material específica que o seu modo de reprodução e transmissão assume. Esta forma material específica representa o estágio inicial de socialização de uma obra, uma vez que muitos aspetos da codificação bibliográfica não dependem das intenções do autor, mas resultam do modo de produção dos artefactos textuais. Daí decorre que a intenção do autor não pode ser o único critério nas decisões textuais quando se trata de estabelecer a matriz a partir da qual se geram novas edições de uma obra. Esta teoria pressupõe certo grau de indeterminação na possibilidade de limitar a flutuação e a variabilidade textual, que será tanto maior quanto maior for o arquivo dos materiais textuais existentes. Além disso, o arquivo de uma obra seria constituído não apenas pelos materiais originais (manuscritos, provas tipográficas e primeiras edições em vida do autor), mas incluiria todas as reconstituições textuais e bibliográficas da obra em momentos posteriores. Isto significa que qualquer reedição de uma obra é uma recodificação da sua materialidade com consequências semióticas e hermenêuticas.

Ora, McGann viu na tecnologia digital a possibilidade de simular aqueles processos bibliográficos de socialização textual, ou seja, um instrumento para investigar a natureza e a história da textualidade. Esta possibilidade de reconfiguração hipertextual do arquivo bibliográfico, que designaria como textualidade radial [*radiant textuality*], permitiria

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

construir novos espaços de modularização e análise textual, que elevariam a uma segunda ordem de representação, de tipo virtual e simulatório, aquilo que nos processos de transferência de um livro para outro livro apenas podia ser traduzido de forma mimética (na edição documental fac-similada) e analítica (na edição crítica anotada).

Podemos dizer que esta teoria, ainda quando não explicitamente invocada, está na base de vários projetos de arquivo eletrônico nascidos na década de 1990, como é o caso de *Rossetti Archive* (1993-2008), *Dickinson Electronic Archives* (1994-2007; DEA2, 2009-2016), *The Walt Whitman Archive* (1995-2016) e *The William Blake Archive* (1996-2016), que procuram representar eletronicamente o acervo de produção e de recepção das obras daqueles autores em redes desierarquizadas de documentos textuais e visuais. Mesmo projetos mais recentes – como *Samuel Beckett Digital Manuscript Project* (cuja publicação se iniciou em 2011), *Woolf Online* (publicado em 2013), *The Shelley-Godwin Archive* (cuja publicação em versão Beta se iniciou também em 2013), ou o arquivo que eu próprio coordeno, *Arquivo LdoD* (a publicar em 2016) – se inserem naquele paradigma editorial, embora fazendo uso, nos dois últimos casos, das novas possibilidades dinâmicas da Web 2.0 no processo de retextualização e recodificação eletrônica.

Uma síntese recente do estado atual da teoria da edição crítica digital foi feita por Elena Pierazzo em *Digital Scholarly Editing* (2015), dando conta, em particular, do sucesso da Textual Encoding Initiative como norma de codificação de textos adotada por inúmeros projetos da última década e meia, com as consequentes vantagens analíticas e de interoperabilidade entre diferentes sistemas no processamento das novas edições, e analisando as atuais práticas de edição crítica e genética para o meio digital. Pierazzo sublinha justamente o modo como as ferramentas e práticas digitais nos permitem teorizar o processo de edição como uma modelação das fontes documentais, seja por via da transcrição, da codificação textual ou mesmo da representação fac-similada:

Digital facsimiles are models of documents, simplified by definition, able to answer some specific research questions, not all of them, in the same way that an edition is a model of a work. In both cases, the intentionality and the interpretation of the editor who creates them represents a very specific point of view that needs to be considered and assessed when such models are handled (PIERAZZO, 2015, s/p).

Depois deste breve enquadramento sobre a teoria da edição crítica e genética digital, segue-se a análise da lógica representacional e analítica de *The William Blake Archive*, observando-o enquanto (a) prática editorial inscrita numa teoria da edição eletrónica e (b) interface de modelação e manipulação do arquivo autográfico de William Blake. Enquanto arquivo digital, *The William Blake Archive* tipifica as práticas de modelação digital, na medida em que estabelece uma complexa rede de relações entre fac-símiles dos autógrafos, novas transcrições codificadas em XML, transcrições de outras edições (como a das *Obras Completas* de William Blake, realizada por David Erdman), um extenso aparato crítico de anotação da iconografia e simbologia das imagens e, por último, uma interface gráfica de navegação e pesquisa de todos aqueles materiais. O lugar central do fac-símile digital da página singular autógrafa como unidade básica de composição do *Arquivo William Blake* será o principal elemento desta análise.

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

19

2. *The William Blake Archive*

Publicado pela primeira vez em 1996, *The William Blake Archive* tem como objetivo reunir as obras de William Blake, em particular todos os exemplares existentes das edições autógrafas dos seus livros impressos iluminados. Trata-se de um recurso em acesso aberto que permite, por um lado, recuperar a integridade intermedial (visual e literária) da obra de William Blake e, por outro, agregar um conjunto de materiais dispersos por dezenas de instituições e colecionadores, ultrapassando, deste modo, as limitações de acesso aos originais decorrentes da sua dispersão, raridade e fragilidade. O arquivo inclui milhares de imagens digitalizadas em alta resolução e centenas de textos transcritos de forma esculpida. Textos e imagens encontram-se codificados eletronicamente e extensamente anotados, sendo integralmente pesquisáveis.

Além de fac-símiles digitais das páginas dos livros iluminados e de ferramentas de anotação e comparação de imagem, o arquivo contém um número significativo de manuscritos, bem como gravuras, desenhos e pinturas, incluindo gravuras feitas por Blake para ilustrar obras impressas de outros autores (Mary Wollstonecraft, Edward Young, William Halley, Virgílio, Robert Blair, John Gabriel Steadman, John Flaxman). O arquivo integra também uma edição de *The Complete Poetry and Prose of William Blake*, de David V. Erdman. No que se refere aos livros impressos iluminados digitalizados, transcritos e anotados, *The William*

Blake Archive contém neste momento edições eletrônicas de 98 exemplares autógrafos de 20 obras iluminadas.³ Ao integrar biblioteca nacional, bibliotecas de arte e colecionadores privados, centros e projetos de investigação, universidades e empresas de engenharia informática, financiamento público e privado na produção de um arquivo público de grande dimensão, *The William Blake Archive* pode ser visto como um novo modelo editorial capaz de integrar investigação, património artístico e tecnológico no espaço público eletrónico.

Na medida em que continua em curso, vinte anos após a publicação do primeiro conjunto de imagens e textos, *The William Blake Archive* mostra-nos também a ecologia da publicação eletrónica como espaço aberto e dinâmico de reedição, reescrita e releitura socialmente e temporalmente distribuídas, típico da cultura do software e da estética da produção e comunicação em rede. O arquivo digital define-se assim menos como um conjunto fechado e circunscrito no tempo e mais um espaço em construção, suscetível de revisão e atualização continuada. Trata-se – como assinalam Morris Eaves, Robert Essick e Joseph Viscomi – de um novo modelo de edição sem equivalente material ou concetual nas tradições textuais consolidadas nas tecnologias anteriores:

We are hoping, of course, that the Archive, once extended to encompass the full range of Blake's work, will ultimately set a new standard of *accessibility*. But we have also come to see the Blake project as a pacesetting instance of a fundamental **shift in the ideas of "archive," "catalogue," and "edition" as both processes and products**. Though "edition" and "archive" are the terms we have fallen back on, in fact we have envisioned a unique resource unlike any other currently available—a **hybrid all-in-one edition, catalogue, database, and set of scholarly tools** capable of taking full advantage of the opportunities offered by new information technology (EARVS; ESSICK; VISCOMI, 2015. Grifo nosso).

³ Este projeto resulta da colaboração das seguintes instituições: Library of Congress, University of North Carolina at Chapel Hill, University of Rochester, e Scholarly Editions and Translations Division of the National Endowment for the Humanities. Recebeu, anteriormente, apoios do Institute for Advanced Technology in the Humanities at the University of Virginia, Getty Grant Program, Paul Mellon Centre for Studies in British Art, Preservation and Access Division of the National Endowment for the Humanities, Sun Microsystems e Inso Corporation.

The William Blake Archive tem funcionado com uma tripla lógica: uma lógica de acreção, segundo a qual novos textos e imagens se acrescentam periodicamente aos já existentes; uma lógica de ramificação, segundo a qual os textos e imagens acrescentados vão abrindo novos ramos dentro do arquivo (transcrição de novas obras, como aconteceu com o manuscrito de *An Island in the Moon* em 2010; inclusão de novas versões autógrafas dos livros iluminados, de que é exemplo a digitalização de novas edições de *Songs of Innocence and of Experience*, com treze originais autógrafos atualmente; e a inclusão de novos ensaios críticos sobre diferentes aspectos da obra de William Blake); uma lógica de revisão, segundo a qual certos parâmetros de codificação são revistos de acordo com o surgimento de novas ferramentas e normas técnicas (como aconteceu com a segunda versão do sítio web, em 2001, ou com a transição de SGML para XML em 2005, e com a adoção das linguagens de marcação XML e XLST desde então). O *Arquivo William Blake* constitui simultaneamente um corpo documental e a infraestrutura técnica que permite processar e apresentar esse corpo documental para um conjunto de operações de leitura e análise.

A descrição de apresentação do *Arquivo* sublinha as possibilidades de agregação e manipulação resultante da codificação digital das reproduções de imagens e das transcrições de texto dos autógrafos de William Blake.⁴ Repare-se, no entanto, como o contexto tecno-social do modo de produção e reprodução digital se inscreve na materialidade específica da edição eletrônica, quer através de uma lógica de competição medial com as tecnologias de reprodução impressa da imagem e do texto, quer através de uma autoconsciência acerca das mudanças tecnológicas que poderão afetar a persistência do processamento futuro das suas formas e estruturas e, portanto, da legibilidade maquínica e humana da sua codificação. O princípio de exaustividade, precisão e rigor na representação pictórica e textual – que permitiria a esta reprodução da obra blakeana suplantarem todas as reproduções anteriores, tornando-as de certo modo obsoletas – parece assim ameaçado pelo espectro da sua própria obsolescência futura:

Advanced principles of design allow the Blake Archive to integrate editions, catalogues, databases, and scholarly tools into one electronic archival resource. We supply *reproductions that*

⁴ Para uma análise detalhada da interface do *Arquivo William Blake* e da modelação dos seus objetos para processamento e análise, em particular através da metadescrição e codificação das imagens, ver Lourenço, 2009.

are more accurate in color, detail, and scale than the finest commercially published photomechanical reproductions and **texts that are more faithful to Blake's own than any collected edition has provided.** [...] For fully published works in the Archive, we supply a wealth of contextual information, which includes full and accurate bibliographical details and meticulous descriptions of the content of each image.

Finally, users of the Archive can attain a new degree of access to these works through the combination of **powerful text-searching and (for the first time in any medium) advanced image-searching tools** that are made possible by the editors' controlled vocabulary, detailed image descriptions, and innovative software, including two custom-designed Java applets. Although we have designed the Archive to serve scholars and the general public within the limits of existing systems, we **have built in considerable allowance for future improvements in hardware and software** (WBA. Web, 2015. Autodescrição. Grifo nosso).

A autodescrição do *Arquivo William Blake* explicita dilemas dos processos de remediação digital que são comuns aos arquivos e edições eletrônicas das obras do arquivo artístico e literário da humanidade. Esses dilemas perpassam, por um lado, a noção de que a reprodutibilidade digital permite um nível muito alto de modelação abstrata dos objetos, seja a nível dos dados, seja a nível dos metadados, com as consequentes potencialidades de criação artística e de investigação científica, e por outro lado, a ansiedade de que as instanciações materiais resultantes dessa modelação, apesar do seu potencial emulatório e simulatório, se vejam sujeitas à fungibilidade das mudanças constantes de software e hardware.⁵ Ora é esta tensão entre objeto e modelação do objeto que me proponho demonstrar através da análise da recodificação da presença autográfica na sua instanciação digital.

5 O facto de a norma de codificação adotada para definir o DTD [Document Type Definition] do arquivo ter sido a EAD [Encoded Archival Definition] e não a TEI [Text Encoding Initiative], que se tornou entretanto numa das principais normas usadas nos projetos de edição textual digital, é justificada pelos editores com o argumento da adequação da EAD à codificação de imagens. Mas também por se tratar de uma norma de codificação que é processada pelas aplicações desenvolvidas para a visualização e anotação de imagens no âmbito do *Arquivo William Blake* [Inote e ImageSizer]. Ou seja, apesar de um certo nível de interoperabilidade e estandardização, os arquivos acabam por desenvolver uma ecologia de codificação e de programação próprias que não são necessariamente traduzíveis e emuláveis pelas tecnologias futuras da web, podendo limitar as suas capacidades de atualização, revisão e migração (Cf. "The Archive at a Glance").

3. Presença autográfica e remediação

Um dos argumentos usados para justificar o *Arquivo William Blake* como projeto de restituição da natureza multimídia da obra de William Blake consiste num reconhecimento a posteriori da limitação das tecnologias de reprodução anteriores à tecnologia digital:

Until the late twentieth century there was no base of knowledge and technology sufficient to conceive, much less execute, an adequate comprehensive edition of the work of a multimedia artist (WBA. Web, 2015. Autodescrição).

A divisão entre Blake-poeta e Blake-pintor decorreria das limitações da própria tecnologia de impressão para reproduzir integralmente as impressões iluminadas, que levaram a que o texto dos poemas fosse transcrito e publicado separadamente. Esta divisão tecnológica foi, por seu turno, reforçada por divisões disciplinares e institucionais de produção de conhecimento fundadas na separação entre texto e imagem. A dissociação entre impressão-texto e iluminura-imagem teria resultado de um processo histórico de reprodução mecânica e institucional da obra, que separou e hierarquizou o que estava material e simbolicamente integrado. Sublinhando a integração entre concepção e execução, Joseph Viscomi (1993) sugere mesmo que o processo de invenção poderia ocorrer diretamente sobre a chapa, uma vez que a técnica desenvolvida – a gravura em água-forte em relevo – permitira a Blake desenhar e escrever em espelho diretamente sobre a chapa sem a intermediação de um processo de transferência e de um modelo (32-44).

As impressões iluminadas contêm no seu próprio método de reprodução uma tensão paradoxal entre autografia e reproduzibilidade. Mesmo quando organizadas em edições, como aconteceu com os livros que Blake tirou várias cópias – dos quais o melhor exemplo é *Songs of Innocence and of Experience* (1789, 1794, 1795, c. 1808, 1818, 1821, 1825, 1826) com mais de quatro dezenas de cópias –, os exemplares múltiplos de uma edição são suscetíveis de se singularizar na medida em que a coloração gera variações autográficas. O modo de produção material contém assim um primeiro momento autográfico correspondente ao desenho e à fixação da inscrição sobre a chapa, seguido de um momento de reprodução mecânica que dá origem a certo número de impressões, seguido por sua vez de um segundo momento autográfico correspon-

dente à iluminação das impressões. Deste modo, a tensão entre exemplar único e exemplar múltiplo torna-se constitutiva do seu código bibliográfico, que pode ainda variar de acordo com o tipo e o formato de papel usado para a impressão iluminada. As 12 imagens correspondentes a 12 exemplares da chapa 6 de *The Book of Thel* (c. 1789, c. 1795, c. 1796, c. 1818) testemunham a dialética entre autografia e reprodução no método da impressão iluminada (figura 1).



Figura 1. William Blake, *The Book of Thel* (1789-1818). Objeto 6 de *The Book of Thel* no Arquivo William Blake: fac-símiles digitais correspondentes aos exemplares B, D, G, H, I, J, L, R, F, *Small Book of Designs*, N e O. Capturas de ecrã realizadas a 7 de dezembro de 2015 usando a função “compare” do Arquivo.

Ora, é esta tensão que o *Arquivo William Blake* tenta resolver ao estabelecer como objetivo digitalizar todas as cópias de todos os exemplares autógrafos: trata-se de um gesto que reconhece a singularidade de cada página, de cada cópia e de cada livro, afirmando ao mesmo tempo a capacidade técnica do meio digital para assegurar a reprodutibilidade da singularidade autográfica de cada testemunho autoral. Ao transformar cada exemplar numa edição, a técnica de William Blake reinscreve a reprodutibilidade técnica na presença autográfica da mão do escritor e da mão do pintor. Ao transformar o fac-símile digital de cada página de cada exemplar na unidade de representação e composição do arquivo, *The William Blake Archive* realiza a operação inversa, isto é, reinscreve a presença autográfica da mão do escritor e da mão do pintor na reprodutibilidade técnica do mapa de bits da sua codificação eletrónica.

Esta reinscrição técnica – de resto, comum a todas as edições digitais documentais baseadas em imagens fac-similadas – funciona, dentro da retórica do arquivo, como um procedimento de autenticação e, portanto, de estabelecimento da sua autoridade enquanto representação editorial das fontes autorais. O regresso às fontes característico da atual remediação digital diferencia-se do regresso às fontes dos humanistas renascentistas, que reeditaram o património escrito antigo e medieval, justamente pelo efeito de imediação produzido pela imagem dos originais. Enquanto os tipógrafos renascentistas eram obrigados a transcrever, traduzir e anotar – evidenciando a presença dessas instâncias medidoras na remediação impressa do vasto legado de manuscritos –, os remediadores digitais podem também recorrer ao efeito de transparência autenticadora da imagem fac-similada a cores. No caso de *The William Blake Archive*, o rigoroso inventário das fontes que serviram de base às reproduções digitais permite, por seu turno, ligar o Arquivo Digital, enquanto agregação virtual de múltiplas representações, ao arquivo das bibliotecas, museus e coleções privadas que guardam as impressões iluminadas autógrafas.

Graças à fidelidade técnica da imagem digital enquanto mapeamento cromático de um objeto físico, o fac-símile digital parece *recuperar a aura da obra de arte original não reproduzível inscrita nos livros impressos iluminados*:

In side-by-side comparisons, images in the Archive are **more faithful to the originals in scale, color, and detail** than the best photomechanical (printed) images in all but the most extraordinary y instances (WBA. Web, 2015. Autodescrição. Grifo nosso).

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

25

O momento autográfico da inscrição verbal e pictórica decorrente desse modo de produção, isto é, aquilo que não chega a dissolver-se inteiramente na reprodutibilidade mecânica do seu método, é presentificado no *Arquivo William Blake* através das variações entre cada página de cada impressão de cada obra, programaticamente salientadas pela ferramenta de comparação automática. Esta valorização da singularidade de cada página opõe-se à tradição editorial impressa que, ao longo do século XX, integrara a obra de William Blake na lógica geral de reprodução da imagem, fazendo com que uma cópia de um livro iluminado valesse por todas as restantes, mesmo quando a tecnologia do *off-set* permitia edições impressas fac-similadas a cores de grande resolução, como aconteceu com a série de volumes publicados pela Tate Gallery e pela Princeton University Press na década de 1990.

O que é curioso em relação à reprodução digital – que pode ser considerado o ponto máximo da aceleração histórica da reprodutibilidade técnica postulado por Walter Benjamin – é que, no caso do *Arquivo William Blake*, a reprodução digital sirva para restituir a aura única de cada exemplar e não para acentuar a reprodutibilidade instantânea e infinita que é inerente ao código digital enquanto sequência de pulsos elétricos. Assim, o efeito paradoxal da reprodução tal como foi concebida e realizada no *Arquivo William Blake* parece produzir o que poderíamos designar como “aura digital”: a autenticidade e a singularidade de cada exemplar são reinstituídas e reforçadas pelos processos de representação e manipulação digital que permitem maximizar as diferenças materiais entre cópias autógrafas da mesma obra.

4. Iluminura digital

A possibilidade de verificarmos a variação entre cópias *parece acentuar a autograficalidade dos sucedâneos digitais*, ou seja, parece funcionar segundo uma lógica inversa àquela que o princípio geral da variabilidade dos ficheiros digitais tem sobre a relação entre a reprodução e o original. Essa verificação consiste em afastar tanto a reprodução da presença autógrafa do original quanto às variações de cor, luz e resolução em cada versão de cada imagem nos mostram estarmos perante cópias de cópias de cópias – sucedâneos de uma primeira digitalização cuja matriz ou matrizes imaginamos residir algures numa inscrição de luz refletida pelo original, num dado lugar, num dado momento e captada pelo sensor da câmara digital ou do digitalizador. Na verdade, também o *Arquivo William Blake* é composto por uma economia própria de versões de cada imagem em diferentes resoluções e com diferentes finalidades, o que significa que está sujeito à lei geral

da variabilidade que define todos os objetos digitais, uma vez que a natureza modular de qualquer objeto digital permite uma infinidade de versões. Diz-nos o arquivo acerca da rede de relações entre as imagens de cada original:

Our standard calls for high-quality born-digital images or first-generation color transparencies in 4" x 5" format or larger, with color bars and gray scales. Once digitized (at 600 dots per inch [dpi] in uncompressed TIFF format in a file that serves as the archival master for permanent storage), each raw image file is color-corrected against the transparencies—which are themselves checked against the originals—by one of the editors on professional equipment designed and calibrated for that purpose. The main object-view page provides reproductions at 100 dpi compressed in JPEG format. That resolution is sufficient for most purposes and requires graphics files of modest size that facilitate downloading and movement from image to image. The enlargement (from the enlargement button at the bottom of every object-view page), which on most systems takes a few seconds longer to load for viewing, is 300 dpi (JPEG). The enlargement yields superb detail for close inspection of printing and coloring. Our standards of reproduction are, in short, as high as we believe they can be under the circumstances (WBA. Web. 2015. Autodescrição).

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

27

A economia das reproduções no arquivo implica assim a existência de quatro versões digitais para cada página autógrafo, derivadas sucessivamente da primeira captura: uma versão em transparência de alta resolução captada a partir da fonte; uma digitalização dessa transparência com a resolução de 600 pontos por polegada em formato TIFF não comprimido, que se guarda como matriz não publicada de todos os fac-símiles digitais; uma versão para a vista-objeto da página [“object-view page“] com a resolução de 100 pontos por polegada em formato JPG comprimido, obtida a partir da matriz; e, por fim, uma versão para a vista ampliada [“enlargement“] com a resolução de 300 pontos por polegada em formato JPG, obtida a partir da matriz. A impressão iluminada digital consiste, portanto, na experiência compósita proporcionada pela visualização e manipulação destas diferentes versões de cada autógrafo, por sua vez determinadas ainda pelas condições de processamento local (resolução do ecrã, configuração do sistema, configuração do browser) em cada uma das máquinas através dos quais a sua codificação é processada.



Figura 2. William Blake, *The Book of Thel*, exemplar B (1789). Objeto 6 de *The Book of Thel*, exemplar B, nas versões a 100 dpi (à esquerda) e 300 dpi (à direita).

A iluminura digital existe, pois, numa relação ambígua com as impressões iluminadas autógrafas. Por um lado, parece conter, por um efeito indicial de transparência, a presença singular do objeto autógrafo, uma singularidade que é acentuada pelo facto de dispormos de acesso aos fac-símiles digitais das diversas iluminações autógrafas da mesma impressão. Isto é, reproduções que capturam as variações resultantes do modo manual de aplicação da aguarela e, também, de decisões intencionais de alterar a paleta de cores usada para colorir as mesmas impressões.⁶ Por outro lado, a iluminura digital existe numa rede de reproduções digitais que

⁶ Apesar de Viscomi salientar a variação como resultado do processo manual e de descrever as impressões iluminadas segundo uma lógica de edição (1993; p. 175-176), há variações entre cópias tardias e cópias iniciais das mesmas obras em que a alteração decorre da intenção de produzir diferença num grau que não deriva apenas do modo de produção. Tal como a alteração do corpus e da sequência dos poemas da “inocência” e da “experiência” em determinados exemplares de *Songs of Innocence and of Experience* implica um certo grau de revisão, o mesmo se aplicaria à mudança radical na paleta cromática entre versões iniciais e versões tardias das mesmas obras. Ainda que estas revisões não impliquem a substituição das versões anteriores pelas últimas versões como expressão última da intencionalidade autoral, a sua singularidade pictórica contém uma intenção que não decorre apenas da variabilidade inerente ao seu modo manual de produção. No entanto, é possível reconhecer um certo grau de produção intencional de diferença sem que isso implique a ideia de cópia ideal ou versão final. A decisão de digitalizar os vários exemplares de uma mesma chapa implica, justamente, no reconhecimento da variação como uma dimensão intrínseca das instanciações autográficas da obra, que não permite uma hierarquia genealógica ou de acabamento entre os exemplares.

remetem umas para as outras dentro da economia do modo de reprodução digital e da sua interface gráfica, que combina um efeito de autenticação documental com um efeito de manipulação e de hiperrealidade (através de ferramentas de ampliação, fragmentação, anotação, recontextualização e retextualização). Assim, o original autógrafo apresenta-se-nos na reprodução digital como emulação e modelo – presença concreta visualizável e modelação abstrata da sua fonte –, como autografia e alografia.

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

29



Figura 3. William Blake, *The Book of Thel*, exemplar B (1789). Pormenor do objeto 6 de *The Book of Thel*, exemplar B, na versão a 100 dpi, ampliada 800 vezes.

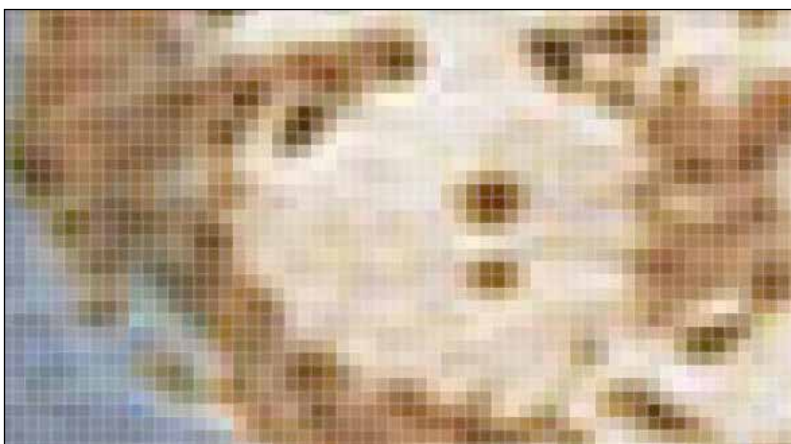


Figura 4. William Blake, *The Book of Thel*, exemplar B (1789). Pormenor do objeto 6 de *The Book of Thel*, exemplar B, na versão a 300 dpi, ampliada 1600 vezes.

A especificidade da inscrição digital, que resulta de um mapeamento da imagem original através de uma grelha topográfica de valores discretos aos quais corresponde um determinado valor cromático, revela a profun-

da diferença formal e material entre o método infernal de Blake e o mapa de bits da imagem digital. A presença imediata, instantânea e automática do original autógrafo está, de facto, dependente de um complexo processo de mediação altamente alográfico, resultante da cascata de abstrações que sustenta a instanciação visualizável de um objeto digital a partir da representação numérica que o torna processável e programável. Observada a partir da materialidade do código digital, essa presença autográfica do original parece ser, ao mesmo tempo, simulacro, vestígio e fantasma: simulacro da autografia, que oculta a presença determinante da reprodutibilidade digital na produção de uma imagem “idêntica” ao original; vestígio da autografia, que declara o seu vínculo documental com o testemunho histórico da impressão iluminada; fantasma da autografia, que mantém viva no sujeito que vê as imagens a imaginação e o desejo do objeto.

Além disso, ao definir a página singular como unidade estrutural do arquivo e base do seu modelo de dados, reconstituindo a partir dela todas as redes de relações, *The William Blake Archive* demonstra o que acontece quando o códice físico de papel se transforma num hipertexto ou num hipermedia, tal como intuído por Jerome McGann há 20 anos: os diferentes elementos à escala da página e à escala do códice tornam-se simultaneamente presentes perante si próprios. Graças a isso, as suas relações podem assumir configurações variáveis no espaço virtual do ecrã eletrónico, numa meta-representação que transforma a iluminura digital num modelo da impressão iluminada, que pode agora ser mapeada e navegada segundo os princípios alográficos da inscrição digital.

A obra iluminada de Blake parece centrar-se não tanto na meta-representação do livro – ainda que o livro funcione nela como a grande estrutura de produção de sentido –, mas na ideia e na materialidade do livro enquanto imaginação alucinatória do mundo, explorando técnicas para combinar texto e imagem como expressão de uma pulsão imaginadora. A possibilidade de intervir nos *vários estágios de execução – da escrita ao desenho, à gravura, à impressão e à iluminação* – reflete essa procura contínua de uma forma material adequada à produção de imagens. De algum modo, o processo criativo que se desenvolve de livro em livro, desenvolve-se também de cópia em cópia, dentro do mesmo livro. Esse conjunto de relações dinâmicas entre imaginar e executar seria aquilo que define a sua poética do livro e da impressão iluminada.

A revelação das imagens da chapa sob a ação dos ácidos é simbolizada por Blake como uma revelação do mundo, capaz de nos levar além dos estreitos limites impostos pelos sentidos. A técnica da gravura

surge assim metaforicamente ligada à sua complexa mitografia, revelação simbólica das forças do cosmos através das forças contraditórias do desejo no corpo do sujeito. Poderíamos dizer da recodificação digital aquilo que o narrador de *The Marriage of Heaven and Hell* nos diz da capacidade do processo químico de gravação para revelar o infinito: “melting apparent surfaces away, and /displaying the infinite that was hid” (BLAKE, 2015, WBA object 14, lines 15-16,). Em outras palavras, a revelação da impressão iluminada sob o efeito corrosivo do código digital – ele próprio constituído por múltiplas camadas e instanciações materiais –, permite-nos ver, na simulação eletrônica, a presença alográfica da inscrição digital no original autógrafo, cuja diferença em relação a si mesmo pode agora emergir neste modo abstrato de reprodução técnica.⁷

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

31

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLLON, Daniel; BÉLISLE, Claire; RÉGNIER, Philippe. **Digital Critical Editions: Exploring the Interweaving of Traditional and Digital Textual Scholarship**. Chicago: University of Illinois Press, 2014.

AUTODESCRIÇÃO. **William Blake Archive**. Web. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/blake/public/about/glance/index.html>>. Acesso em: 07.dez.2015.

BECKETT Samuel. **Digital Manuscript Project**. 2011. Web. Disponível em: <<http://www.beckettarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

_____. **Woolf Online**. 2013. Web. Disponível em: <<http://www.woolfonline.com>>. Acesso em: 07.dez.2015.

_____. **The Shelley-Godwin Archive**. 2013. Web. Disponível em: <<http://shelleygodwinarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

⁷ Texto apresentado originalmente como conferência de abertura do “III Seminário de Estudos Blakeanos”, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e pelo Centro de Pesquisas William Blake, Universidade Federal de Santa Maria, no dia 15 de dezembro de 2015. Agradeço aos organizadores do simpósio, em particular ao Prof. Enéias Farias Tavares.

_____. **Arquivo LdoD**. 2016. Web. Disponível em: <<http://ldod.uc.pt>>. Acesso em: 07.dez.2015.

BLAKE, William. **The Marriage of Heaven and Hell**. William Blake Archive. Web. (object 14, lines 15-16) Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/blake/public/about/glance/index.html>>. Acesso em: 07.dez.2015.

CAUGHIE, Pamela L., HAYWARD, Nick; HUSSEY, Mark, SHILLINGSBURG, Peter; THIRUVATHUKAL, George K. (eds.). **Woolf Online**. Web, 2011-2016. Disponível em: <<http://www.woolfonline.com>>. Acesso em: 07.dez.2015.

EAVES, Morris; ESSIK, Robert; VISCOMI, Joseph (eds.). (1996-2016). **The William Blake Archive**. Institute for Advanced Technology in the Humanities, University of Virginia (1996-2006)/ University of North Carolina at Chapel Hill and University of Rochester (2007-2016). Web. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

William Blake Archive. Web. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/blake/public/about/glance/index.html>>. Acesso em: 07.dez.2015.

FOLSOM, Ed,; KENNETH M. Price (eds.) (1995-2016). **The Walt Whitman Archive**. Institute for Advanced Technology in the Humanities (1995-2007) / Center for Digital Research in the Humanities at the University of Nebraska-Lincoln (2007-2016). Web. Disponível em: <<http://www.whitmanarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

FRAISTAT, Neil; DENLINGER, Elizabeth C.; (eds.) **The Shelley-Godwin Archive**. Maryland Institute for Technology in the Humanities. Web, 2013-2016. Disponível em: <<http://shelleygodwinarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

KIRSCHENBAUM, Matthew. "The textual Condition: Digital Humanities, BornDigital Archives, and the Future Literary". **Digital Humanities Quarterly**, 7.1. Web, 2013. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/7/1/000151/000151.html>>. Acesso em: 07.dez.2015.

LOURENÇO, Isabel (2009). **The William Blake Archive: Da Gravura Iluminada à Edição Electrónica**. Coimbra: Universidade de Coimbra [tese de doutoramento]. URI. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/12069>>. Acesso em: 07.dez.2015.

MCGANN, Jerome. "The Rationale of Hypertext". In **Text**, Vol. 9,p. 11-32, 1996.

"The Rationale of HyperText". In: SUTHERLAND, Kathryn. (Org.). **Electronic Text: Investigations in the Method and Theory of Computerized Textuality**. Oxford, University Press, 1997, p. 19-46.

"The Rationale of HyperText". In: MCGANN, Jeronime. **Radiant Textuality: Literature after the World Wide Web**. New York: Palgrave/St. Martin's, 2001.

"The Rationale of HyperText". In: MCGANN, Jeronime. From Text to Work: Digital Tools and the Emergence of the Social Text". In: **Text**, 16, p. 49-62, 2006.

_____. (ed.). **Rossetti Archive**. Institute for Advanced Technology in the Humanities, University of Virginia. Web, 1993-2008. Disponível em: <<http://www.rossettiarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

_____. **Dickinson Electronic Archives**. 1994-2007; DEA2, 2009-2016. Web. Disponível em:<<http://www.emilydickinson.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

_____. **The Walt Whitman Archive**. 1995-2016. Web. Disponível em: <<http://www.whitmanarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

_____. **The William Blake Archive**. 1996-2016. Web. Disponível em: <<http://www.blakearchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

MCKENZIE, D.F. **Bibliography and the Sociology of Texts**. The British Library, 1986.

*Livros
iluminados
digitais:
autógrafo e
reprodução em
the William
Blake archive*

_____. **Bibliography and the Sociology of Texts**. 2.ed. Cambridge University Press, 1999.

_____. **Making Meaning: “Printers of the Mind” and Other Essays**. University of Massachusetts Press, 2002.

PIERAZZO, Elena. **Digital Scholarly Editing: Theories, Models and Methods**. London: Ashgate, 2015.

ROBINSON, Peter. “Towards a Theory of Digital Editions”. **Variants**, 10, p. 105-131, 2013.

Manuel Portela

34

SHILLINGSBURG, Peter L.. **From Gutenberg to Google: Electronic Representations of Literary Texts**. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.

_____. “How Literary Works Exist: Convenient Scholarly Editions”. **Digital Humanities Quarterly**, vol. 3.3. Web, 2009. Disponível em: <<http://digitalhumanities.org/dhq/vol/3/3/000054/000054.html>>. Acesso em: 07.dez.2015.

SMITH, Martha Nell; VETTER Lara, HART, Ellen Louise; WERNER, Marta; (eds.). (1994-2016). **Dickinson Electronic Archives**. Institute for Advanced Technology in the Humanities, University of Virginia (1996-2012). *Dickinson Electronic Archives 2*, University of Maryland (2012-2016). Web. Disponível em <<http://www.emilydickinson.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

VAN HULLE, Dirk; MARK, Nixon; (eds.). **Samuel Beckett Digital Manuscript Project**. Centre for Manuscript Genetics (University of Antwerp), The Beckett International Foundation (University of Reading), Harry Ransom Humanities Research Center (Austin, Texas) and the Estate of Samuel Beckett. Web, 2011-2016. Disponível em: <<http://www.beckettarchive.org/>>. Acesso em: 07.dez.2015.

VISCOMI, Joseph. *Blake and the Idea of the Book*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1993.

Recebido em 25 de outubro de 2015

Aceito em 29 de novembro de 2015